

PAPA FRANCISCO



CICLO DE CATEQUESES

O ESPÍRITO E A ESPOSA

Editado por 



Papa Francisco

CICLO DE CATEQUESES:

O ESPÍRITO E A ESPOSA

Fonte:

www.vatican.va

Praça São Pedro

Quarta-feira, 29 de maio de 2024

1. O Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje, com esta catequese, damos início a um ciclo de reflexões sobre o tema “*O Espírito e a Esposa - a Esposa é a Igreja. O Espírito Santo conduz o povo de Deus ao encontro de Jesus, nossa esperança*”. Faremos este percurso através das três grandes etapas da história da salvação: o Antigo Testamento, o Novo Testamento e o tempo da Igreja. Sempre com o olhar fixo em Jesus, que é a nossa esperança.

Nestas primeiras catequeses sobre o Espírito no Antigo Testamento, não faremos “arqueologia bíblica”. Ao contrário, descobriremos que aquilo que é dado como promessa no Antigo Testamento se realizou plenamente em Cristo. Será como seguir o caminho do sol desde o amanhecer até ao meio-dia.

Começemos pelos dois primeiros versículos de toda a Bíblia: «No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra era informe e deserta, e as trevas cobriam o abismo, e *o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas*» (Gn 1, 1-2). O Espírito de Deus aparece-nos como a força misteriosa que faz passar o mundo do seu estado inicial informe, deserto e sombrio para o seu estado ordenado e harmonioso. Porque o Espírito faz a harmonia, a harmonia na vida, a harmonia no mundo. Em síntese, é Ele que faz a transição do caos para o cosmos, isto é, da confusão para algo de belo e ordenado. Este é, com efeito, o significado da palavra grega kosmos, bem como da palavra latina *mundus*, ou seja, algo belo, algo ordenado, puro e harmonioso, porque o Espírito é harmonia.

Este indício ainda vago da ação do Espírito na criação torna-se mais preciso na revelação seguinte. Num salmo, lê-se: «Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, pelo sopro dos seus lábios foram criados todos os seus

exércitos» (Sl 33, 6); e ainda: «*Se lhe enviais o Vosso espírito, voltam à vida, e renovais a face da terra*» (Sl 104, 30).

Esta linha de desenvolvimento torna-se muito clara no Novo Testamento, que descreve a intervenção do Espírito Santo na nova criação, utilizando precisamente as imagens que lemos a propósito da origem do mundo: a pomba estava sobre as águas do Jordão no batismo de Jesus (cf. Mt 3,16); Jesus que, no Cenáculo, sopra sobre os discípulos e diz: «Recebi o Espírito Santo» (Jo 20, 22), tal como no princípio Deus soprou sobre Adão (cf. Gn 2, 7).

O apóstolo Paulo introduz um elemento novo nesta relação entre o *Espírito Santo e a criação*. Fala de um universo que «geme e sofre como que dores de parto» (cf. Rm 8, 22). Sofre por causa do homem, que o submeteu à «escravidão da corrupção» (cf. vv. 20-21). É uma realidade que nos toca de perto e de forma dramática. O Apóstolo vê a causa do sofrimento da criação na corrupção e no pecado da humanidade, que a arrastou para a sua alienação de Deus. Isto continua a ser tão verdadeiro hoje como era então. Vemos o dano que a humanidade fez e continua a fazer na criação, especialmente na parte que tem maior capacidade de explorar os seus recursos.

São Francisco de Assis mostra-nos uma bela solução para regressar à harmonia do Espírito: o caminho da contemplação e do louvor. Ele quis que das criaturas brotasse um cântico de louvor ao Criador. Recordemos: «Louvado sejas, meu Senhor...», o cântico de Francisco de Assis.

Um salmo (18, 2) diz assim: «*Os céus narram a glória de Deus*», mas precisam que o homem e a mulher deem voz ao seu grito silencioso. E no “*Santo*” da Missa, repetimos sempre: «Os céus e a terra estão cheios da tua glória». Eles estão, por assim dizer, “grávidos” dela, mas precisam das mãos de uma boa parteira para dar à luz este seu louvor. A nossa vocação no mundo, recorda-nos ainda Paulo, é sermos «*louvor da sua glória*» (Ef 1, 12). Trata-se de antepor a alegria da contemplação à alegria da posse. E ninguém se alegrou mais com as criaturas do que Francisco de Assis, que não queria possuir nenhuma.

Irmãos e irmãs, o Espírito Santo, que no princípio transformou o caos em cosmos, trabalha para realizar esta transformação em cada pessoa. Através do profeta Ezequiel, Deus promete: «*Dar-vos-ei um coração novo, porei em vós um Espírito novo... Porei em vós o meu Espírito*» (Ez 36, 26-27). Com efeito, o nosso coração assemelha-se ao abismo deserto e obscuro dos primeiros versículos do Génesis. Nele agitam-se sentimentos e desejos opostos: da carne e do espírito. Num certo sentido, todos nós somos aquele “reino dividido em si mesmo” de que fala Jesus no Evangelho (cf. *Mc* 3, 24). Ao nosso redor, podemos dizer que existe um caos externo, um caos social, um caos político: pensemos nas guerras, pensemos em tantos meninos e meninas que não têm o que comer, em tantas injustiças sociais, este é o caos externo. Mas há também um caos interior: o caos interior de cada um de nós. Não se pode curar o primeiro, se não se começar a curar o segundo! Irmãos e irmãs, trabalhemos bem para transformar a nossa confusão interior numa claridade do Espírito Santo: é o poder de Deus que o faz; e nós, abramos o coração para que Ele o possa fazer.

Que esta reflexão suscite em nós o desejo de experimentar o Espírito criador. Há mais de mil anos que a Igreja põe nos nossos lábios o clamor, para o pedir: “*Veni creator Spiritus!*”, Vem, ó Espírito criador! Visita a nossa mente. Enche de graça celeste os corações que criaste! Peçamos ao Espírito Santo que venha a nós e nos torne pessoas novas, com a novidade do Espírito. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 5 de junho de 2024

2. “O vento sopra onde quer”. Onde há o Espírito de Deus há liberdade

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Na catequese de hoje, gostaria de refletir convosco sobre o nome com que o Espírito Santo é chamado na Bíblia.

O primeiro aspeto que conhecemos de uma pessoa é o nome. É com ele que a chamamos, que a distinguimos e a recordamos. A terceira pessoa da Trindade também tem um nome: chama-se Espírito Santo. Mas “Espírito” é a versão latinizada. O nome do Espírito, aquele com que os primeiros destinatários da revelação o conheceram, com que os profetas, os salmistas, Maria, Jesus e os Apóstolos o invocaram, é *Ruach*, que significa sopro, vento, respiro.

Na Bíblia, o nome é tão importante que quase se identifica com a própria pessoa. Santificar o nome de Deus significa santificar e honrar o próprio Deus. Nunca é uma designação meramente convencional: diz sempre algo sobre a pessoa, a sua origem, a sua missão. Assim é também no caso do nome *Ruach*. Ele contém a primeira revelação fundamental sobre a pessoa e a função do Espírito Santo.

Foi precisamente observando o vento e as suas manifestações que os escritores bíblicos foram orientados por Deus a descobrir um “vento” de natureza diferente. Não foi por acaso que, no Pentecostes, o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos acompanhado pelo “ruído de um vento impetuoso” (cf. At 2, 2). Era como se o Espírito Santo quisesse assinar o que acontecia.

Então, o que nos diz o seu nome *Ruach* sobre o Espírito Santo? A imagem do vento serve sobretudo para manifestar o poder do Espírito Santo. “Espírito e poder”, ou “poder do Espírito” é um binómio frequente

em toda a Bíblia. Com efeito, o vento é uma força impetuosa, uma força indomável, capaz de mover até os oceanos.

Mas também neste caso, para descobrir o sentido pleno das realidades da Bíblia, não podemos limitar-nos ao Antigo Testamento, mas devemos chegar a Jesus. Além do poder, Jesus colocará em evidência outra característica do vento, a da sua *liberdade*. A Nicodemos, que o visita à noite, Jesus diz solenemente: «*O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que nasceu do Espírito*» (Jo 3, 8).

O vento é a única coisa que não pode absolutamente ser limitada, que não pode ser “engarrafada”, nem encaixotada. Procuremos “engarrafar” ou encaixotar o vento: não é possível, ele é livre! Procurar encerrar o Espírito Santo em conceitos, definições, teses ou tratados, como às vezes o racionalismo moderno procurou fazer, significa perdê-lo, anulá-lo ou reduzi-lo a um espírito puramente humano, a um simples espírito. Há, porém, uma tentação semelhante também no campo eclesial, que consiste em desejar encerrar o Espírito Santo em cânones, instituições, definições. O Espírito cria e anima as instituições, mas ele próprio não pode ser “institucionalizado”, “coisificado”. O vento sopra “onde quer”, assim o Espírito distribui os seus dons “como quer” (1 Cor 12, 11).

São Paulo fará de tudo isto a lei fundamental do agir cristão: «*Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade*» (2 Cor 3, 17), diz. Uma pessoa livre, um cristão livre, é aquele que tem o Espírito do Senhor. Trata-se de uma liberdade muito especial, deveras diferente da que é geralmente entendida. Não é a liberdade de fazer o que se quer, mas a liberdade de fazer livremente o que Deus quer! Não é a liberdade de praticar o bem ou o mal, mas a liberdade de praticar o bem e de o fazer livremente, isto é, por atração, não por obrigação. Em síntese, liberdade de filhos, não de escravos!

São Paulo está bem consciente do abuso ou da incompreensão que se pode ter desta liberdade; aos Gálatas, escreve: «*Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Mas que esta liberdade não se torne um pretexto para a carne; através do amor, colocai-vos ao serviço uns dos outros*» (Gl 5, 13). Trata-se de uma liberdade que se manifesta naquilo que parece ser o seu

contrário, exprime-se no serviço, pois é no serviço que há a verdadeira liberdade.

Sabemos bem quando esta liberdade se torna um “pretexto para a carne”. Paulo apresenta uma lista, sempre atual: «Fornicação, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizade, discórdia, ciúme, dissensões, divisões, fações, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes» (*Gl* 5, 19-21). Mas assim é a liberdade que permite aos ricos explorarem os pobres, é uma liberdade negativa, que permite aos fortes explorarem os fracos e a todos explorarem impunemente o meio ambiente. Trata-se de uma liberdade negativa, não é a liberdade do Espírito!

Irmãos e irmãs, onde encontramos esta liberdade do Espírito, tão contrária à liberdade do egoísmo? A resposta está nas palavras que, um dia, Jesus dirigiu aos seus ouvintes: «Se o Filho vos libertar, sereis verdadeiramente livres» (*Jo* 8, 36). Esta é liberdade que Jesus nos concede. Peçamos a Jesus que, mediante o seu Espírito Santo, faça de nós homens e mulheres verdadeiramente livres. Livres para servir, no amor e na alegria. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 12 de junho de 2024

3. “Toda a Escritura é inspirada por Deus”. Conhecer o amor de Deus nas palavras de Deus

Estimados irmãos e irmãs, bom dia, bem-vindos!

Continuemos as catequeses sobre o Espírito Santo, que guia a Igreja para Cristo, nossa esperança. Ele é o guia! Da última vez contemplamos a obra do Espírito na criação; hoje vejamo-lo na revelação, da qual a *Sagrada Escritura* é testemunho inspirado por Deus e fidedigno.

A segunda carta de São Paulo a Timóteo contém esta afirmação: «*Toda a Escritura é inspirada por Deus*» (3, 16). E outra passagem do Novo Testamento diz: «*Inspirados pelo Espírito Santo é que os homens... falaram em nome de Deus*» (2 Pd 1, 21). Esta é a doutrina da inspiração divina da Escritura, aquela que proclamamos como artigo de fé no Credo, quando dizemos que o Espírito Santo «falou através dos profetas». A inspiração divina da Bíblia!

O Espírito Santo, que inspirou as Escrituras, é também Aquele que as explica e as torna perenemente vivas e ativas. De inspiradas, torna-as inspiradoras. «As Sagradas Escrituras, inspiradas por Deus - diz o Concílio Vaticano II - e redigidas de uma vez para sempre, comunicam imutavelmente a palavra do próprio Deus, fazendo ressoar a voz do Espírito Santo nas palavras dos profetas e dos apóstolos» (Dei Verbum, 21). Deste modo, o Espírito Santo continua, na Igreja, a ação de Jesus Ressuscitado que, depois da Páscoa, «abriu a mente dos discípulos à compreensão das Escrituras» (cf. Lc 24, 45).

Com efeito, pode acontecer que um determinado trecho da Escritura, que lemos muitas vezes sem qualquer emoção particular, um dia o leiamos num clima de fé e oração, e que, repentinamente, aquele texto se ilumine, nos fale, lance luz sobre um problema que vivemos, tornando clara a vontade de Deus para nós numa certa situação. A que se deve esta mudança,

a não ser a uma iluminação do Espírito Santo? As palavras da Escritura, sob a ação do Espírito, tornam-se luminosas; e, em tais casos, toca-se com as próprias mãos como é verdadeira a afirmação da Carta aos Hebreus: «A palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes [...]» (4,12).

Irmãos e irmãs, a Igreja alimenta-se da leitura espiritual da Sagrada Escritura, isto é, da leitura feita sob a orientação do Espírito Santo que a inspirou. No seu centro, como farol que tudo ilumina, está o evento da morte e ressurreição de Cristo, que cumpre o desígnio da salvação, realiza todas as figuras e profecias, revela todos os mistérios escondidos, oferecendo a verdadeira chave de leitura de toda a Bíblia. A morte e a ressurreição de Cristo são o farol que ilumina toda a Bíblia, mas também a nossa vida. O Apocalipse descreve todo isto com a imagem do Cordeiro que rompe os selos do livro “escrito por dentro e por fora, mas sigilado com sete selos” (cf. 5, 1-9), a Escritura do Antigo Testamento. A Igreja, Esposa de Cristo, é intérprete fidedigna do texto inspirado da Escritura, a Igreja é medianeira da sua proclamação autêntica. Dado que a Igreja é dotada do Espírito Santo - por isso é intérprete - é «coluna e sustentáculo da verdade» (1 Tm 3, 15). Porquê? Porque é inspirada, corroborada pelo Espírito Santo. E a tarefa da Igreja consiste em ajudar os fiéis e quantos procuram a verdade a interpretar corretamente os textos bíblicos.

Um modo de fazer a leitura espiritual da Palavra de Deus chama-se *lectio divina*, uma expressão que talvez não entendamos o que significa. Consiste em dedicar um momento do dia à leitura pessoal e meditativa de uma passagem da Escritura. E isto é muito importante: todos os dias reservar um tempo para escutar, para meditar, lendo um trecho da Escritura. E por isso recomendo: tende sempre um Evangelho de bolso e levai-o na bolsa, no bolso... Assim, quando viajardes ou quando tiverdes um pouco de tempo livre, lede-o... Isto é muito importante para a vida! Pegai num Evangelho de bolso e, durante o dia, lede-o uma, duas vezes, quando for preciso. Mas a leitura espiritual da Escritura por excelência é a leitura comunitária que se faz na Liturgia, na Missa. Ali vemos como um acontecimento ou um ensinamento, dado no Antigo Testamento, encontra o seu pleno cumprimento no Evangelho de Cristo. E a homilia, o comentário que o celebrante faz, deve ajudar a transferir a Palavra de Deus do livro

para a vida. Por isso, a homilia há de ser breve: uma imagem, um pensamento e um sentimento. A homilia não deve durar mais de oito minutos, porque depois, com o tempo, perde-se a atenção e as pessoas adormecem, e com razão. A homilia deve ser assim. E é isto que quero dizer aos sacerdotes, que tantas vezes falam muito, e não se entende o que dizem. Homilia breve: um pensamento, um sentimento e uma pista para a ação, para o modo de agir. Não mais de oito minutos. Pois a homilia deve ajudar a transferir a Palavra de Deus do livro para a vida. E entre as numerosas palavras de Deus que ouvimos todos os dias na Missa ou na Liturgia das horas, há sempre uma destinada em particular a nós. Algo que toca o coração! Acolhida no coração, pode iluminar o nosso dia, animar a nossa oração. Trata-se de não a deixar cair no vazio!

Concluamos com um pensamento que pode ajudar-nos a apaixonar-nos pela Palavra de Deus. Como certas peças musicais, também a Sagrada Escritura tem uma nota de fundo que a acompanha do princípio ao fim, e esta nota é o amor de Deus. «Toda a Bíblia - observa Santo Agostinho – só narra o amor de Deus». [1] E São Gregório Magno define a Escritura «uma carta de Deus todo-poderoso à sua criatura», como uma carta do Esposo à esposa, exortando-nos a «aprender a conhecer o coração de Deus nas palavras de Deus». [2] «Em virtude desta revelação – diz o Vaticano II - Deus invisível, na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos e convive com eles para os convidar e admitir à comunhão com Ele» (*Dei Verbum*, 2).

Prezados irmãos e irmãs, ide em frente com a leitura da Bíblia! Mas não vos esqueçais do Evangelho de bolso: levai-o na bolsa, no bolso e lede uma passagem num momento do dia. Isto aproximar-vos-á muito do Espírito Santo que está na Palavra de Deus. O Espírito Santo, que inspirou as Escrituras e agora emana das Escrituras, nos ajude a sentir este amor de Deus nas situações concretas da vida. Obrigado!

[1] *De catechizandis rudibus*, I, 8, 4: PL 40, 319.

[2] *Registrum Epistolarum*, V, 46 (ed. Ewald-Hartmann, pp. 345-346

Praça São Pedro

Quarta-feira, 19 de junho de 2024

4. O Espírito ensina a Noiva a orar. Os Salmos, sinfonia de oração na Bíblia

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Em preparação para o próximo Jubileu, convidei a dedicar o ano de 2024 «a uma grande “sinfonia” de oração».[1] Com a catequese de hoje, gostaria de recordar que a Igreja já possui uma sinfonia de oração, cujo compositor é o Espírito Santo, e é o Livro dos Salmos.

Como em cada sinfonia, nele há vários “movimentos”, ou seja, diferentes tipos de oração: louvor, ação de graças, súplica, lamentação, narração, reflexão sapiencial e outros, tanto na forma pessoal como na forma coral de todo o povo. São os cânticos que o próprio Espírito pôs nos lábios da Esposa, a Igreja. Como recordei da última vez, todos os Livros da Bíblia são inspirados pelo Espírito Santo, mas o Livro dos Salmos também o é, no sentido de que está cheio de veia poética.

Os salmos ocuparam um lugar privilegiado no Novo Testamento. Com efeito, houve e ainda há edições que contêm o Novo Testamento e os Salmos juntos. Na minha escrivania tenho uma edição em ucraniano do Novo Testamento e dos Salmos, de um soldado que morreu durante a guerra, que me foi enviada; ele rezava na frente com este livro. Nem todos os salmos - nem tudo de cada salmo - podem ser repetidos e feitos próprios pelos cristãos e ainda menos pelo homem moderno. Às vezes eles refletem uma situação histórica e uma mentalidade religiosa que já não são nossas. Isto não significa que não sejam inspirados mas que, sob certos aspetos, estão ligados a um período e a uma fase provisória da revelação, como acontece também com grande parte da legislação antiga.

O que mais nos recomenda a aceitação dos salmos é que eles constituíram a oração de Jesus, de Maria, dos Apóstolos e de todas as gerações cristãs que nos precederam. Quando os recitamos, Deus ouve-os

com aquela grandiosa “orquestração”, que é a comunhão dos santos. Segundo a Carta aos Hebreus, Jesus entra no mundo com o versículo de um salmo no coração: «Eis que venho, ó Deus, para cumprir a tua vontade» (cf. *Hb* 10, 7; *Sl* 40, 9); e, segundo o Evangelho de Lucas, deixa o mundo com outro salmo nos lábios: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (*Lc* 23, 46; cf. *Sl* 31, 6).

Ao uso dos salmos no Novo Testamento segue-se o dos Padres e de toda a Igreja, que fazem deles um elemento fixo na celebração da Missa e na Liturgia das horas. «Toda a Sagrada Escritura exala a bondade de Deus - diz Santo Ambrósio - mas de modo particular o doce Livro dos Salmos».[2] O doce livro dos salmos. Pergunto-me: recitais às vezes os salmos? Lede a Bíblia e recitai um salmo. Por exemplo, quando estais um pouco tristes por ter pecado, recitais o salmo 50? Há muitos salmos que nos ajudam a ir em frente. Adquiri o hábito de recitar os salmos, garanto-vos que no final sereis felizes.

Mas não podemos viver apenas da herança do passado: é necessário fazer dos salmos a nossa oração. Escreveu-se que, num certo sentido, devemos tornar-nos nós mesmos “autores” dos salmos, fazendo-os nossos e rezando com eles.[3] Se há salmos, ou apenas versículos, que falam ao nosso coração, é bom repeti-los e recitá-los durante o dia. Os salmos são orações “para todas as estações”: não há estado de espírito nem necessidade que não encontre neles as melhores palavras para os transformar em oração. Diversamente de todas as outras preces, os salmos não perdem a eficácia por causa da repetição, aliás, aumentam-na. Porquê? Porque são inspirados por Deus e “exalam” Deus cada vez que alguém os lê com fé.

Se nos sentimos sobrecarregados de remorsos e culpas, pois somos pecadores, podemos repetir com David: «Tende piedade de mim, ó Deus, no vosso amor; / na vossa grande misericórdia» (*Sl* 51, 3). Se quisermos exprimir uma forte ligação pessoal com Deus, digamos: «Ó Deus, Vós sois o meu Deus, / procuro-vos desde a aurora, / a minha alma tem sede de Vós, / a minha carne anseia por Vós / numa terra árida, sedenta, sem água» (*Sl* 63, 2). Não foi por acaso que a Liturgia inseriu este salmo nas Laudes do Domingo e das solenidades. E se o medo e a angústia nos assaltam, vêm em

nosso socorro aquelas palavras maravilhosas: «O Senhor é o meu pastor [...]. Ainda que eu atravesse um vale escuro, / nada temerei» (Sl 23, 1.4).

Os salmos permitem-nos não empobrecer a nossa oração, reduzindo-a apenas a pedidos, a um contínuo “dai-me, dai-nos...”. Aprendamos com o nosso Pai, que antes de pedir o “pão nosso de cada dia” diz: “Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade”. Os salmos ajudam-nos a abrir-nos a uma prece menos centrada em nós mesmos: uma oração de louvor, de bênção, de ação de graças; e ajudam-nos também a tornar-nos voz de toda a criação, envolvendo-a no nosso louvor.

Irmãos e irmãs, que o Espírito Santo, que ofereceu à Igreja Esposa as palavras para rezar ao seu divino Esposo, nos ajude a fazê-las ressoar na Igreja de hoje e a fazer deste ano de preparação para o Jubileu uma verdadeira sinfonia de oração. Obrigado!

NOTAS

[1] Carta a D. Fisichella para o Jubileu de 2025 (11 de fevereiro de 2022).

[2] Comentário aos Salmos I, 4, 7: CSEL 64, 4-7.

[3] JOÃO CASSIANO, Conlationes, X, 11: SCh 54, 92-93.

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 7 de agosto de 2024

5. “Encarnado por obra do Espírito Santo pela virgem Maria”. Como conceber e dar à luz Jesus

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Com a catequese de hoje entramos na segunda fase da história da salvação. Depois de ter contemplado o Espírito Santo na obra da Criação, contemplá-lo-emos durante algumas semanas na obra da Redenção, isto é, de Jesus Cristo. Passemos, então, ao Novo Testamento e vejamos o Espírito Santo no Novo Testamento.

O tema de hoje é o Espírito Santo na Encarnação do Verbo. No Evangelho de Lucas, lemos: «*O Espírito Santo descera sobre ti*» - ou Maria - «*o poder do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra*» (1, 35). O evangelista Mateus confirma este dado fundamental sobre Maria e o Espírito Santo, dizendo que Maria «*ficou grávida por obra do Espírito Santo*» (1, 18).

A Igreja acolheu este facto revelado e colocou-o muito cedo no coração do seu Símbolo de fé. No Concílio Ecuménico de Constantinopla de 381 - o mesmo que definiu a divindade do Espírito Santo - este artigo entrou na fórmula do “Credo”.

Portanto, trata-se de um dado de fé ecuménico, pois todos os cristãos professam juntos esse mesmo Símbolo da fé. A piedade católica, desde tempos imemoráveis, extrai dele uma das suas orações quotidianas, o *Angelus*.

Este artigo de fé é o fundamento que permite falar de Maria como a *Esposa por excelência, que é figura da Igreja*. Com efeito, Jesus - escreve São Leão Magno - «*dado que Ele nasceu por obra do Espírito Santo de uma mãe virgem, assim torna a Igreja, sua Esposa imaculada, fecunda com o sopro vital do mesmo Espírito*» [1]. Este paralelismo é retomado na

Constituição Dogmática *Lumen gentium*, que diz: «Pela sua fé e obediência, Maria gerou na terra o mesmo Filho de Deus, sem contacto com homem, mas envolta pelo Espírito Santo. [...] Agora, contemplando a santidade milagrosa da Virgem, imitando a sua caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai através da Palavra fielmente recebida, a Igreja torna-se também mãe, pois, pela pregação e pelo batismo, gera os seus filhos, concebidos pelo Espírito Santo e nascidos de Deus, para uma vida nova e imortal» (nn. 63, 64).

Concluimos com uma reflexão prática para a nossa vida, sugerida pela insistência da Escritura nos verbos “conceber” e “dar à luz”. Na profecia de Isaías, ouvimos: «*Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho*» (7, 14); e o Anjo diz a Maria: «*Conceberás e darás à luz um filho*» (Lc 1, 31). Maria primeiro concebeu, depois deu à luz Jesus: primeiro recebeu-o em si, no seu coração e na sua carne, depois deu-o à luz.

É o que acontece com a Igreja: primeiro acolhe a Palavra de Deus, deixa-a “falar ao seu coração” (cf. Os 2, 16) e “encher as suas entranhas” (cf. Ez 3, 3), segundo duas expressões bíblicas, e depois dá-a à luz com a vida e a pregação. Esta última é estéril sem a primeira.

Também a Igreja, face às tarefas que superam as suas forças, se coloca espontaneamente a mesma questão: “Como é possível isto?”. Como é possível anunciar Jesus Cristo e a sua salvação a um mundo que parece procurar apenas o bem-estar? A resposta é também a mesma de outrora: «*Recebereis a força do Espírito Santo [...]*». Sem o Espírito Santo, a Igreja não pode ir em frente, a Igreja não cresce, a Igreja não pode pregar.

O que se diz da Igreja em geral aplica-se também a nós, a cada batizado. Cada um de nós encontra-se por vezes, na vida, em situações maiores do que as próprias forças e pergunta-se: “Como posso enfrentar esta situação?”. Nesses casos, é útil repetir para si mesmo o que o anjo disse à Virgem: «*A Deus nada é impossível*» (Lc 1, 37).

Irmãos e irmãs, retomemos também nós o nosso caminho, cada vez com esta certeza reconfortante no coração: “Nada é impossível a Deus”. E se acreditarmos nisto, faremos milagres. Nada é impossível a Deus.

[1] Discurso 12º sobre a Paixão, 3, 6: PL 54, 356.

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 21 de agosto de 2024

6. “O Espírito do Senhor está sobre mim.” O Espírito Santo no Batismo de Jesus

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje refletamos sobre o Espírito Santo que desce sobre Jesus no batismo do Jordão e, d’Ele, se difunde no seu corpo, que é a Igreja. No Evangelho de Marcos, a cena do batismo de Jesus é assim descrita: «Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado no Jordão por João. E assim que saiu da água, viu os céus abertos e o Espírito que desceu sobre Ele como uma pomba. E do céu ouviu-se uma voz: “Tu és o meu Filho muito amado: em ti pus toda a minha complacência”» (Mc 1, 9-11).

Toda a Trindade marcou encontro, naquele momento, nas margens do Jordão! É o Pai que se faz presente com a sua voz; é o Espírito Santo que desce sobre Jesus sob forma de pomba; e é aquele que o Pai proclama como seu Filho amado, Jesus. É um momento muito importante da Revelação, é um momento importante da história da salvação. Far-nos-á bem reler esta passagem do Evangelho.

O que aconteceu de tão importante no batismo de Jesus, para induzir todos os evangelistas a narrá-lo? Encontramos a resposta nas palavras que Jesus pronuncia, pouco tempo depois, na sinagoga de Nazaré, com clara referência ao acontecimento do Jordão: «*O Espírito do Senhor está sobre mim; foi por isto que me consagrou com a unção*» (Lc 4, 18).

No Jordão, Deus Pai “ungiu com o Espírito Santo”, ou seja, consagrou Jesus como Rei, Profeta e Sacerdote. Com efeito, no Antigo Testamento, os reis, os profetas e os sacerdotes eram ungidos com óleo perfumado. No caso de Cristo, em vez do óleo físico, há o óleo espiritual que é o Espírito Santo; em vez do símbolo, há a realidade: é o próprio Espírito que desce sobre Jesus.

Jesus está cheio do Espírito Santo desde o primeiro instante da sua Encarnação. Mas esta era uma “graça pessoal”, incomunicável; agora, pelo contrário, com esta unção, recebe a plenitude do dom do Espírito, mas para a sua missão que, como cabeça, comunicará ao seu corpo, que é a Igreja, e a cada um de nós. Por isso, a Igreja é o novo “povo real, povo profético, povo sacerdotal”. O termo hebraico “Messias” e o vocábulo correspondente em grego “Cristo” - Christós - ambos referidos a Jesus, significam “ungido”: foi ungido com o óleo da alegria, ungido com o Espírito Santo. O nosso próprio nome “cristãos” será explicado pelos Padres em sentido literal: cristãos significa “ungidos à imitação de Cristo”.^[1]

Na Bíblia um Salmo fala de um óleo perfumado derramado sobre a cabeça do sumo sacerdote Aarão e que desce até à orla da sua veste (cf. *Sl* 133, 2). Esta imagem poética do óleo que desce, usada para descrever a felicidade de viver juntos como irmãos, tornou-se realidade espiritual e realidade mística em Cristo e na Igreja. Cristo é a cabeça, o nosso Sumo Sacerdote; o Espírito Santo é o óleo perfumado e a Igreja é o corpo de Cristo no qual se difunde.

Vimos porque, na Bíblia, o Espírito Santo é simbolizado pelo vento e, aliás, recebe dele o próprio nome, *Ruah* - vento. Vale a pena perguntar-nos também porque é simbolizado pelo óleo e que ensinamento prático podemos obter deste símbolo. Na Missa de Quinta-Feira Santa, consagrando o óleo chamado “Crisma”, o bispo, referindo-se a quantos receberão a unção no Batismo e na Confirmação, diz: «Que esta unção os penetre e santifique, para que, libertados da corrupção nativa e consagrados como templo da sua glória, propaguem o perfume de uma vida santa». É uma aplicação que remonta a São Paulo, que aos Coríntios escreve: «Sim, diante de Deus nós somos o perfume de Cristo» (*2 Cor* 2, 15). A unção faz de nós perfume, e também uma pessoa que vive com alegria a sua unção perfuma a Igreja, perfuma a comunidade, perfuma a família com este aroma espiritual.

Sabemos que, infelizmente, às vezes os cristãos não difundem o perfume de Cristo, mas o mau cheiro do próprio pecado. E nunca nos esqueçamos: o pecado afasta-nos de Jesus, o pecado transforma-nos em óleo mau. E o diabo - não vos esqueçais disto - normalmente, o diabo entra

pelos bolsos - tende cuidado! E isto, no entanto, não nos deve desviar do compromisso de realizar, na medida do possível e cada um no seu ambiente, esta sublime vocação de ser o bom perfume de Cristo no mundo. O perfume de Cristo emana dos “frutos do Espírito”, que são «amor, alegria, paz, magnanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si» (Gl 5, 22). Paulo disse-o, e como é bom encontrar uma pessoa com estas virtudes: uma pessoa com amor, uma pessoa alegre, uma pessoa que cria a paz, uma pessoa magnânima, não mesquinha, uma pessoa benevolente que acolhe todos, uma pessoa bondosa. É bom encontrar uma pessoa boa, uma pessoa fiel, uma pessoa mansa, não orgulhosa... Se nos esforçarmos por cultivar estes frutos e quando encontrarmos estas pessoas, então, sem nos darmos conta, alguém sentirá ao nosso redor um pouco da fragrância do Espírito de Cristo. Peçamos ao Espírito Santo que nos torne mais conscientes, ungidos, ungidos por Ele.

[1] Cf. São Cirilo de Jerusalém, Catequese mistagógica, III,1

Praça São Pedro

Quarta-feira, 25 de setembro de 2024

7. Jesus foi conduzido pelo Espírito ao deserto. O Espírito Santo é o nosso aliado na luta contra o espírito do mal

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Imediatamente após o seu batismo no Jordão, Jesus «*foi conduzido pelo Espírito para o deserto, a fim de ser tentado pelo diabo*» (Mt 4, 1) - assim reza o Evangelho de Mateus. A iniciativa não é de satanás, mas de Deus. Indo para o deserto, Jesus obedece a uma inspiração do Espírito Santo, não cai numa armadilha do inimigo, não! Uma vez superada a provação, Ele - está escrito - voltou para a Galileia «com o poder do Espírito Santo» (Lc 4, 14).

No deserto, Jesus livrou-se de satanás e agora pode libertar de satanás. É isto que os Evangelistas realçam com as numerosas histórias de libertação de endemoninhados. Jesus diz aos seus opositores: «Se é em virtude do Espírito de Deus que expulso demónios, então o Reino de Deus chegou entre vós» (Mt 12, 27).

Hoje assistimos a um estranho fenómeno relativo ao diabo. A um certo nível cultural, considera-se que ele simplesmente não existe. Seria um símbolo do inconsciente coletivo, ou da alienação, em síntese, uma metáfora. Mas «a maior astúcia do demónio é levar a crer que ele não existe», como alguém escreveu (Charles Baudelaire). É astuto: faz-nos crer que não existe e assim domina tudo. É artiloso! E, no entanto, o nosso mundo tecnológico e secularizado está repleto de magos, ocultismo, espiritismo, astrólogos, vendedores de feitiços e amuletos e, infelizmente, de verdadeiras seitas satânicas. Expulso pela porta, o diabo voltou a entrar, dir-se-ia, pela janela. Expulso pela fé, volta a entrar com a superstição. E se fores supersticioso, inconscientemente dialogas com o diabo. Com o diabo não se conversa!

A provação mais forte da existência de satanás não está nos pecadores, nem nos endemoninhados, mas nos santos! “E porquê, Padre?”. Sim, é verdade que o diabo está presente e age mediante certas formas extremas e “desumanas” de maldade e perversidade que vemos à nossa volta. Mas por este caminho, nos casos individuais, é praticamente impossível chegar à certeza de que se trata precisamente dele, dado que não podemos saber exatamente onde termina a sua ação e onde começa a nossa própria maldade. Por isso, a Igreja é muito prudente e rigorosa no exercício do exorcismo, ao contrário do que se verifica, infelizmente, em certos filmes!

É na vida dos santos, precisamente ali, que o diabo é obrigado a manifestar-se, a pôr-se “contra a luz”. Uns mais, outros menos, todos os santos, todos os grandes crentes, dão testemunho da sua luta contra esta realidade obscura, e não se pode honestamente supor que todos eram iludidos ou simples vítimas dos preconceitos do seu tempo.

A batalha contra o espírito maligno vence-se como Jesus a venceu no deserto: com a força da palavra de Deus. Vede que Jesus não conversa com o diabo, nunca dialoga com o demónio. Ou o expulsa, ou o condena, mas nunca dialoga. E, no deserto, não responde com a sua palavra, mas com a palavra de Deus. Irmãos e irmãs, nunca dialogueis com o diabo! Quando ele vem com tentações: “mas isto seria bom, aquilo seria bom”, detém-te! Eleva o teu coração ao Senhor, reza a Nossa Senhora e expulsa-o, como Jesus nos ensinou a expulsá-lo. São Pedro sugere também outro meio, de que Jesus não necessitava, mas nós sim, a vigilância: «Sede sóbrios, vigiai. O vosso inimigo, o diabo, anda às voltas como leão que ruge, procurando a quem devorar» (1 Pd 5, 8). E São Paulo diz-nos: «Não deis ocasião ao diabo» (Ef 4, 27).

Depois que Cristo, na cruz, derrotou para sempre o poder do «príncipe deste mundo» (Jo 12, 31), o diabo - dizia um Padre da Igreja - «está preso, como um cão acorrentado; não pode morder ninguém, a não ser aqueles que, desafiando o perigo, se aproximam dele... Pode ladrar, pode insistir, mas não pode morder, exceto quem o quiser». [1] Se fores tolo e disseres ao diabo: “Ah, como estás?”, ele arruinar-te-á. O diabo? À distância! Com o diabo não se dialoga. Devemos afugentá-lo. Distância. E todos nós, todos, temos a experiência de como o diabo se aproxima com alguma tentação,

sobre os dez mandamentos. Quando sentirmos isto, paremos, distância! Não nos aproximemos do cão acorrentado!

A tecnologia moderna, por exemplo, além de muitos recursos positivos que devem ser apreciados, oferece também inúmeros meios para “dar ocasião ao diabo”, e muitos caem nela. Pensemos na pornografia na internet, por detrás da qual existe um mercado deveras florescente, todos o sabemos. É o diabo que trabalha ali. Trata-se de um fenómeno muito difundido, que, no entanto, os cristãos devem ter em conta e rejeitar vigorosamente. Pois qualquer telemóvel tem acesso a esta brutalidade, a esta linguagem do diabo: a pornografia na internet.

A consciência da ação do diabo na história não deve desencorajar-nos. O pensamento final deve ser, até neste caso, de confiança e segurança: “Estou com o Senhor, vai-te embora!”. Cristo venceu o demónio e concedeu-nos o Espírito Santo para fazer nossa a sua vitória. A própria ação do inimigo pode tornar-se vantajosa para nós se, com a ajuda de Deus, a pusermos ao serviço da nossa purificação. Peçamos, pois, ao Espírito Santo, com as palavras do hino *Veni Creator*:

“Afasta de nós o inimigo
e concede-nos depressa a paz.
Contigo que nos guias
evitaremos todo o mal!”.

Prestai atenção, pois o diabo é astuto. Mas nós, cristãos, com a graça de Deus, somos mais espertos do que ele. Obrigado!

[1] São Cesário de Arles, *Discursos* 121, 6: CC 103, p. 507.

Praça São Pedro

Quarta-feira, 9 de outubro de 2024

8. “Todos ficaram cheios do Espírito Santo”. O Espírito Santo nos Actos dos Apóstolos

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

No nosso itinerário de catequeses sobre o Espírito Santo e a Igreja, hoje referimo-nos ao Livro dos Atos dos Apóstolos.

A narração da descida do Espírito Santo no Pentecostes começa com a descrição de alguns sinais preparatórios - o vento impetuoso e as línguas de fogo - mas conclui-se com a afirmação: «*E todos ficaram cheios do Espírito Santo*» (At 2, 4). São Lucas - que escreveu os Atos dos Apóstolos – realça que o Espírito Santo é Aquele que assegura a universalidade e a unidade da Igreja. O efeito imediato de ficar “cheios do Espírito Santo” é que os Apóstolos «começaram a falar noutras línguas» e saíram do Cenáculo para anunciar Jesus Cristo à multidão (cf. At 2, 4 ss.).

Agindo assim, Lucas quis frisar a missão universal da Igreja, como sinal de uma nova unidade entre todos os povos. Vemos de duas maneiras que o Espírito trabalha pela unidade. Por um lado, impele a Igreja para fora, a fim de que possa acolher cada vez mais pessoas e povos; por outro, reúne-a no seu interior para consolidar a unidade alcançada. Ensina-a a dilatar-se na universalidade e a reunir-se na unidade. Universal e una: este é o mistério da Igreja.

O primeiro dos dois movimentos - a universalidade - vemo-lo em ação no capítulo 10 dos Atos, no episódio da conversão de Cornélio. No dia de Pentecostes, os Apóstolos tinham anunciado Cristo a todos os judeus e observantes da lei mosaica, independentemente do povo a que pertencessem. É preciso outro “pentecostes”, muito semelhante ao primeiro, o da casa do centurião Cornélio, para induzir os Apóstolos a dilatar o horizonte e derrubar a última barreira, aquela que separa judeus e pagãos (cf. At 10-11).

A esta expansão étnica acrescenta-se a geográfica. Paulo – lê-se ainda nos *Atos dos Apóstolos* (cf. 16, 6-10) - queria anunciar o Evangelho numa nova região da Ásia Menor; mas, está escrito, «o Espírito Santo impediu-o»; queria ir à Bitínia «mas o Espírito de Jesus não o permitiu». Descobri-se imediatamente a razão destas surpreendentes proibições do Espírito: na noite seguinte, em sonho, o Apóstolo recebeu a ordem de passar à Macedónia. Assim, o Evangelho saiu da Ásia natal e entrou na Europa.

O segundo movimento do Espírito Santo - aquele que cria a unidade - vemos-lo em ação no capítulo 15 dos *Atos*, durante a realização do chamado Concílio de Jerusalém. O problema é como fazer com que a universalidade alcançada não comprometa a unidade da Igreja. O Espírito Santo nem sempre realiza a unidade de maneira repentina, com intervenções milagrosas e decisivas, como no Pentecostes. Fá-lo também - e na maior parte dos casos - com um trabalho discreto, respeitador dos tempos e das divergências humanas, passando por pessoas e instituições, oração e confronto. De uma forma, diríamos hoje, sinodal. Foi o que aconteceu, efetivamente, no Concílio de Jerusalém, sobre a questão das obrigações da Lei mosaica a impor aos convertidos do paganismo. A sua solução foi anunciada a toda a Igreja, com as conhecidas palavras: «Decidimos, o Espírito Santo e nós...» (*At* 15, 28).

Santo Agostinho explica a unidade realizada pelo Espírito Santo com uma imagem que se tornou clássica: «O que a alma é para o corpo humano, o Espírito Santo é para o corpo de Cristo, que é a Igreja» (*Discursos*, 267, 4). Esta imagem ajuda-nos a compreender algo importante. O Espírito Santo não realiza a unidade da Igreja a partir de fora; não se limita a mandar que se unam. Ele mesmo é o “vínculo de unidade”. É Ele quem faz a unidade da Igreja.

Como sempre, concluímos com um pensamento que nos ajuda a passar do conjunto da Igreja para cada um de nós. A unidade da Igreja é a unidade entre pessoas e não se realiza de modo abstrato, mas na vida. Realiza-se na vida! Todos nós queremos a unidade, todos a desejamos do mais íntimo do coração; no entanto, ela é tão difícil de alcançar que, até no seio do matrimónio e da família, a união e a concórdia estão entre as coisas mais difíceis de conseguir, e ainda mais difíceis de manter.

O motivo - pelo qual a unidade entre nós é difícil - é que cada um quer, sim, que a unidade seja alcançada, mas em volta do próprio ponto de vista, sem pensar que o outro que está à sua frente pensa exatamente o mesmo sobre o “seu” ponto de vista. Por este caminho, a unidade só se afasta. A unidade de vida, a unidade do Pentecostes, segundo o Espírito, só se alcança quando nos esforçamos por colocar Deus, e não a nós próprios, no centro. Também a unidade dos cristãos se constrói assim: não esperando que os outros venham ao nosso encontro, onde estamos, mas caminhando juntos rumo a Cristo.

Peçamos ao Espírito Santo que nos ajude a ser instrumentos de unidade e de paz.

Praça São Pedro

Quarta-feira, 16 de outubro de 2024

9. "Eu acredito no Espírito Santo". O Espírito Santo na fé da Igreja

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Com a catequese de hoje, passamos daquilo que nos foi revelado sobre o Espírito Santo na Sagrada Escritura, para o modo como Ele está presente e age na vida da Igreja, na nossa vida cristã.

Nos primeiros três séculos, a Igreja não sentiu a necessidade de formular explicitamente a sua fé no Espírito Santo. Por exemplo, no mais antigo Credo da Igreja, o chamado Símbolo apostólico, depois de proclamar: “Creio em Deus Pai, criador do céu e da terra, e em Jesus Cristo, que nasceu, morreu, desceu aos infernos, ressuscitou e subiu aos céus”, acrescenta-se: “[Creio] no Espírito Santo”, nada mais, sem especificação alguma.

Mas foi a heresia que impeliu a Igreja a definir esta sua fé. Quando este processo teve início - com Santo Atanásio, no século IV - foi precisamente a sua experiência da ação santificadora e divinizadora do Espírito Santo que levou a Igreja à certeza da plena divindade do Espírito Santo. Isto aconteceu no Concílio Ecuménico de Constantinopla, em 381, que definiu a divindade do Espírito Santo com as conhecidas palavras que ainda hoje repetimos no Credo: «Creio no Espírito Santo, que é Senhor e dá a vida, e procede do Pai e do Filho. Com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, e falou por meio dos profetas».

Dizer que o Espírito Santo “é Senhor” era como afirmar que Ele compartilha o “Senhorio” de Deus, que pertence ao mundo do Criador, não ao das criaturas. A afirmação mais vigorosa é que a Ele são devidas as mesmas glória e adoração que ao Pai e ao Filho. É o argumento da igualdade na honra, caro a São Basílio Magno, que foi o principal artífice desta fórmula: o Espírito Santo é Senhor, é Deus!

A definição conciliar não era um ponto de chegada, mas de partida. E, com efeito, uma vez superados os motivos históricos que tinham impedido uma afirmação mais explícita da divindade do Espírito Santo, ela foi tranquilamente proclamada no culto da Igreja e na sua teologia. Já São Gregório de Nazianzo, após aquele Concílio, afirmará sem ulterior hesitação: «O Espírito Santo é, então, Deus? Certamente! É consubstancial? Sim, se é verdadeiro Deus» (*Oratio* 31, 5.10).

O que nos diz, a nós crentes de hoje, o artigo de fé que proclamamos todos os domingos na Missa: “Creio no Espírito Santo”? Dele, no passado, falava-se principalmente a propósito da afirmação de que o Espírito Santo “procede do Pai”. A Igreja latina completou depressa esta afirmação, acrescentando, no Credo da Missa, que o Espírito Santo procede “também do Filho”. Dado que em latim a expressão “e do Filho” se chama “*Filioque*”, daqui surgiu a disputa conhecida com este nome, que foi a razão (ou o pretexto) de muitas contendas e divisões entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente. Certamente não é o caso de abordar aqui esta questão que, de resto, no clima de diálogo que se estabeleceu entre as duas Igrejas, perdeu a dureza do passado e hoje permite esperar numa plena aceitação recíproca, como uma das principais “diferenças reconciliadas”. Gosto de dizer isto: “diferenças reconciliadas”. Entre os cristãos, existem muitas diferenças: este é desta escola, da outra; este é protestante, aquele... O importante é que estas diferenças sejam reconciliadas, no amor de caminhar juntos.

Superado este obstáculo, hoje podemos valorizar a prerrogativa mais importante para nós, proclamada no artigo do Credo, ou seja, que o Espírito Santo é “vivificante”, isto é, dá a vida. Perguntemo-nos: que vida dá o Espírito Santo? No início, na criação, o sopro de Deus dá a Adão a vida natural; de uma estátua de barro, faz dele “um ser vivo” (cf. *Gn* 2, 7). Agora, na nova criação, é o Espírito Santo que dá aos crentes uma vida nova, a vida de Cristo, a vida sobrenatural de filhos de Deus. Paulo pode exclamar: «A lei do Espírito, que dá vida em Cristo Jesus, libertou-vos da lei do pecado e da morte» (*Rm* 8, 2).

Onde está, em tudo isto, a grande e consoladora notícia para nós? É que a vida que nos é dada pelo Espírito Santo é vida eterna! A fé liberta-nos do

horror de ter que admitir que tudo acaba aqui, que não há resgate algum para o sofrimento e a injustiça que reinam soberanas na terra. É o que nos garante outra palavra do Apóstolo: «Se o Espírito de Deus, que ressuscitou Jesus de entre os mortos, habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo de entre os mortos também dará vida aos vossos corpos mortais pelo seu Espírito, que habita em vós» (*Rm* 8, 11). O Espírito habita em nós, está dentro de nós.

Cultivemos esta fé também por aqueles que, muitas vezes sem culpa própria, estão desprovidos dela e não conseguem dar um sentido à vida. E não nos esqueçamos de dar graças Àquele que, com a sua morte, nos alcançou esta dádiva inestimável!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 23 de outubro de 2024

10. "O Espírito, dom de Deus". O Espírito Santo e o sacramento do matrimónio

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Da última vez explicámos o que, do Espírito Santo, proclamamos no credo. Mas a reflexão da Igreja não se limitou àquela breve profissão de fé. Prosseguiu, tanto no Oriente como no Ocidente, através da obra de grandes Padres e Doutores. Hoje, em particular, gostaríamos de reunir algumas migalhas da doutrina do Espírito Santo desenvolvida na tradição latina, para ver como ela ilumina toda a vida cristã e em especial o sacramento do matrimónio.

O principal autor desta doutrina é Santo Agostinho, que desenvolveu a doutrina sobre o Espírito Santo. Ele começa pela revelação de que «Deus é amor» (1 Jo 4, 8). Pois bem, o amor supõe alguém que ama, alguém que é amado e o próprio amor que os une. O Pai é, na Trindade, aquele que ama, fonte e princípio de tudo; o Filho é aquele que é amado, e o Espírito Santo é o amor que os une. [1] Portanto, o Deus dos cristãos é um Deus “único”, mas não solitário; a sua é uma unidade de comunhão, de amor. Nesta ótica, alguns propuseram chamar ao Espírito Santo, não “a terceira pessoa” singular da Trindade mas, ao contrário, a “primeira pessoa do plural”. Em síntese, é o Nós, o Nós divino do Pai e do Filho, o vínculo de unidade entre pessoas diferentes,[2] o próprio princípio da unidade da Igreja, que é precisamente um “só corpo” resultante de várias pessoas.

Como eu já disse, hoje gostaria de refletir convosco, em particular, sobre aquilo que o Espírito Santo tem para dizer à família. O que pode ter a ver com o matrimónio, por exemplo, o Espírito Santo? Muitíssimo, talvez o essencial, e procuro explicar porquê! O matrimónio cristão é o sacramento da doação de si, um ao outro, do homem e da mulher. Foi assim que o Criador o pensou, quando «criou o homem à sua imagem [...]: varão e

mulher os criou» (*Gn* 1, 27). Portanto, o casal humano é a primeira e mais elementar realização da comunhão de amor, que é a Trindade.

Também os esposos deveriam formar uma primeira pessoa do plural, um “nós”. Estar um diante do outro como um “eu” e um “tu”, e estar perante o resto do mundo, incluindo os filhos, como um “nós”. Como é bom ouvir uma mãe dizer aos filhos: «O teu pai e eu...», como Maria disse a Jesus, quando o encontraram com doze anos no templo a ensinar aos Doutores (cf. *Lc* 2, 48), e ouvir um pai dizer: «A tua mãe e eu», como se fossem uma só pessoa. Como precisam os filhos desta unidade - pai e mãe juntos - da unidade dos pais, e como sofrem quando ela falha! Como sofrem os filhos de pais que se separam, como sofrem!

Mas para corresponder a esta vocação, o matrimónio precisa do apoio d’Aquele que é o Dom, aliás, o doar-se por excelência. Onde entra o Espírito Santo, renasce a capacidade de se doar. Alguns Padres da Igreja afirmaram que, sendo o dom recíproco do Pai e do Filho na Trindade, o Espírito Santo é também a razão da alegria que reina entre eles, e não tiveram medo de usar, falando sobre isto, a imagem dos gestos próprios da vida conjugal, como o beijo e o abraço.[3]

Ninguém diz que esta unidade é uma meta fácil, muito menos no mundo de hoje; mas esta é a verdade das coisas, como o Criador as pensou e, portanto, faz parte da sua natureza. Certamente, pode parecer mais fácil e mais apressado construir sobre a areia do que sobre a rocha; mas Jesus diz-nos qual é o resultado (cf. *Mt* 7, 24-27). Neste caso, então, nem sequer precisamos da parábola, porque as consequências dos casamentos construídos sobre a areia estão, infelizmente, à vista de todos, e são sobretudo os filhos que pagam o preço. Os filhos sofrem com a separação ou a falta de amor dos pais! De muitos esposos, deve-se repetir o que Maria disse a Jesus, em Caná da Galileia: «Não têm vinho!» (*Jo* 2, 3). É o Espírito Santo que continua a realizar, no plano espiritual, o milagre que Jesus fez naquela ocasião, ou seja, transformar a água do hábito numa nova alegria de estar juntos. Não se trata de uma piedosa ilusão: foi o que o Espírito Santo fez em tantos casamentos, quando os noivos decidiram invocá-lo.

Mas não seria mau se, além das informações de natureza jurídica, psicológica e moral que são dadas, na preparação dos noivos para o

casamento, se aprofundasse esta preparação “espiritual”, o Espírito Santo que faz a unidade. “Entre marido e mulher, não ponhas o dedo”, diz um provérbio italiano. Mas há um “dedo” a pôr entre marido e mulher, e é precisamente o “dedo de Deus”: ou seja, o Espírito Santo!

[1] Cf. Santo Agostinho, *De Trinitate*, VIII, 10, 14.

[2] Cf. H. Mühlen, *Una mystica persona. La Chiesa come il mistero dello Spirito Santo*, Città Nuova, 1968.

[3] Cf. Santo Hilário de Poitiers, *De Trinitate*, II, 1; Santo Agostinho, *De Trinitate*, VI, 10, 11.

Praça São Pedro

Quarta-feira, 30 de outubro de 2024

11. "Ele consagrou-nos e marcou-nos com o seu selo". O Crisma, sacramento do Espírito Santo

Caríssimos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje continuamos a reflexão sobre a presença e a ação do Espírito Santo na vida da Igreja mediante os Sacramentos.

A ação santificadora do Espírito Santo chega até nós, em primeiro lugar, através de dois canais: a Palavra de Deus e os Sacramentos. E entre todos os Sacramentos, um é por excelência o Sacramento do Espírito Santo, e é sobre ele que gostaria de meditar hoje. Trata-se do Sacramento do Crisma, ou da Confirmação.

No Novo Testamento, além do batismo com água, é mencionado outro rito, o da imposição das mãos, que tem como finalidade comunicar visivelmente e de maneira carismática o Espírito Santo, com efeitos análogos aos produzidos sobre os Apóstolos no Pentecostes. Os Atos dos Apóstolos narram um episódio significativo a este respeito. Tendo ouvido dizer que algumas pessoas na Samaria receberam a palavra de Deus, enviaram de Jerusalém Pedro e João. «Eles descera - diz o texto – para eles receberem o Espírito Santo que, na verdade, não descera ainda sobre nenhum deles. Tinham apenas recebido o batismo em nome do Senhor Jesus. então impondo as mãos sobre eles e eles recebiam o Espírito Santo» (8, 14-17).

A isto acrescenta-se o que São Paulo escreve na Segunda Carta aos Coríntios: «É o próprio Deus que nos confirma, convosco, em Cristo, que nos marcou com o seu selo e deu ao nosso coração o penhor do Espírito» (1, 21-22). O penhor do Espírito! O tema do Espírito Santo como “selo real” com que Cristo marca as suas ovelhas está na base da doutrina do “caráter indelével” conferido por este rito.

Com o passar do tempo, o rito da unção configurou-se como Sacramento de pleno direito, assumindo formas e conteúdos diferentes nas várias épocas e nos diversos ritos da Igreja. Não é este o lugar para percorrer esta história tão complexa. O que o Sacramento do Crisma é na compreensão da Igreja, parece-me que é descrito de modo simples e claro, pelo Catecismo dos adultos, da Conferência Episcopal Italiana. Ele diz assim: «A confirmação é, para cada fiel, o que o Pentecostes foi para toda a Igreja. [...] Ela revigora a incorporação batismal em Cristo e na Igreja, e a consagração à missão profética, real e sacerdotal. Comunica a abundância dos dons do Espírito [...]. Portanto, se o batismo é o sacramento do nascimento, o crisma é o sacramento do crescimento. Por isso, é também o sacramento do testemunho, pois está intimamente ligado à maturidade da existência cristã» (*La verità vi farà liberi. Catechismo degli adulti*. Libreria Editrice Vaticana 1995, p. 324).

O problema é como fazer com que o Sacramento do Crisma não se reduza, na prática, a uma “extrema unção”, ou seja, ao sacramento da “saída” da Igreja. Diz-se que é o “sacramento da despedida”, pois quando os jovens o recebem, vão-se embora e depois voltam para o casamento. É o que se diz. Mas devemos fazer dele o sacramento do início de uma participação ativa na vida da Igreja. É uma meta que nos pode parecer impossível, considerando a situação em curso um pouco em toda a Igreja, mas isto não significa que devemos deixar de a perseguir. Não será assim para todos os crismandos, jovens ou adultos, mas é importante que o seja pelo menos para alguns, que depois serão os animadores da comunidade.

Para esta finalidade, pode ser útil deixar-se ajudar, na preparação para o Sacramento, por fiéis leigos que tiveram um encontro pessoal com Cristo e viveram uma verdadeira experiência do Espírito. Algumas pessoas dizem tê-la vivido como um desabrochar nelas do Sacramento do Crisma, recebido quando eram jovens.

Mas isto não diz respeito apenas aos futuros crismandos; diz respeito a todos nós e em cada momento. Com a confirmação e a unção, recebemos também, assegura-nos o Apóstolo, o *penhor* do Espírito, que noutra lugar ele chama «as primícias do Espírito» (*Rm 8, 23*). Devemos “gastar” este

penhor, usufruir destas primícias, não enterrar debaixo os carismas e talentos recebidos.

São Paulo exortava o discípulo Timóteo a «reavivar o dom de Deus, recebido pela imposição das mãos» (2 *Tm* 1, 6), e o verbo utilizado sugere a imagem de quem sopra sobre o fogo para reavivar a sua chama. Eis uma bela meta para o ano jubilar! Eliminar as cinzas do hábito e do desinteresse tornando-nos, como os portadores da tocha nos Jogos Olímpicos, portadores da chama do Espírito. Que o Espírito nos ajude a dar alguns passos nesta direção!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 6 de novembro de 2024

12. O Espírito intercede por nós". O Espírito Santo e a oração cristã

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

A ação santificadora do Espírito Santo exprime-se não só através da Palavra de Deus e dos Sacramentos, mas na *oração*, e é a ela que queremos dedicar a reflexão de hoje: a oração! O Espírito Santo é sujeito e ao mesmo tempo objeto da oração cristã. Ou seja, é Ele que concede a oração e é Ele que é concedido pela oração. Rezamos para receber o Espírito Santo, e recebemos o Espírito Santo para poder rezar verdadeiramente, isto é, como filhos de Deus, não como escravos. Pensemos um pouco sobre isto: rezar como filhos de Deus, não como escravos. Deve-se rezar sempre com liberdade. “Hoje devo rezar assim, assim, assim, porque prometi isto, isso, aquilo... Caso contrário, vou para o inferno!”. Não, isto não é oração. A oração é livre. Rezamos quando o Espírito nos ajuda a rezar. Rezamos quando sentimos no coração a necessidade de rezar; e quando não sentimos nada, paremos e perguntemo-nos: porque não tenho vontade de rezar, o que acontece na minha vida? A espontaneidade na oração é o que sempre mais nos ajuda. Isto significa rezar como filhos, não como escravos.

Em primeiro lugar, devemos rezar para receber o Espírito Santo. A este respeito, há uma palavra muito específica de Jesus no Evangelho: «Portanto, se vós, maus, como sois, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem!» (Lc 11, 13). Cada um, cada um de nós, sabemos dar coisas boas aos mais pequeninos, quer sejam filhos, netos ou amigos. Os mais pequeninos recebem sempre coisas boas de nós. E como pode o Pai deixar de nos conceder o Espírito? E isto dá-nos coragem e podemos ir em frente. No Novo Testamento, vemos o Espírito Santo descer sempre durante a oração. Desce sobre Jesus no batismo no Jordão, quando «Ele rezava» (Lc 3, 21); e desce sobre os discípulos no Pentecostes, quando «perseveravam unânimes na oração» (At 1, 14).

É o único “poder” que temos sobre o Espírito de Deus. O poder da oração: não resiste à oração. Rezamos e vem. No Monte Carmelo, os falsos profetas de Baal - lembrais-vos daquela passagem da Bíblia - agitavam-se para invocar o fogo do céu sobre o seu sacrifício, mas nada acontecia, pois eram idólatras, adoravam um deus que não existe; Elias rezou e o fogo desceu e consumiu o holocausto (cf. *1 Rs* 18, 20-38). A Igreja segue fielmente este exemplo: tem sempre nos lábios esta imploração: “Vem, vem!”, sempre que se dirige ao Espírito Santo: “Vem!”. E fá-lo sobretudo na Missa, para que desça como orvalho e santifique o pão e o vinho para o sacrifício eucarístico.

Mas há também outro aspeto, que é o mais importante e encorajador para nós: o Espírito Santo é Aquele que nos concede a verdadeira oração. São Paulo afirma-o: «O Espírito vem em ajuda da nossa fraqueza; pois, não sabemos o que devemos pedir em nossas orações, mas é o próprio Espírito que intercede por nós com gemidos inefáveis, Aquele que perscruta os corações bem sabe qual é o empenho do Espírito, porque pois é em conformidade com Deus que ele intercede pelos Santos» (*Rm* 8, 26-27).

É verdade, não sabemos rezar, não sabemos. Devemos aprender todos os dias. No passado, o motivo desta debilidade da nossa oração manifestava-se com uma única palavra, usada de três maneiras diferentes: como adjetivo, substantivo e advérbio. É fácil recordar, até para quem não sabe latim, e vale a pena tê-la em mente, pois contém por si só um tratado inteiro. Nós, seres humanos, dizia um ditado, “*mali, mala, male petimus*”, ou seja, sendo maus (*mali*), pedimos coisas erradas (*mala*) e de forma errada (*male*). Jesus diz: «Procurai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais se vos dará por acréscimo» (*Mt* 6, 33); nós, pelo contrário, procuramos primeiro todo o excedente, ou seja, os nossos interesses - muitas vezes! - esquecendo-nos completamente de pedir o Reino de Deus. Peçamos ao Senhor o Reino, e tudo há de vir com ele.

Sim, o Espírito Santo vem em socorro da nossa debilidade, mas ainda faz algo muito mais importante: atesta-nos que somos filhos de Deus, colocando nos nossos lábios o brado: «Pai!» (*Rm* 8, 15; *Gl* 4, 6). Não podemos dizer “Pai, *Abbá*”, sem a força do Espírito Santo. Na oração cristã não é o homem de um lado do telefone que fala com Deus do outro lado,

mas é Deus que reza em nós! Oramos a Deus através de Deus. Rezar é colocar-se dentro de Deus e fazer com que Deus entre em nós.

É precisamente na oração que o Espírito Santo se revela como “Paráclito”, ou seja, advogado e defensor. Ele não nos acusa perante o Pai, mas defende-nos. Sim, defende-nos, convence-nos de que somos pecadores (cf. Jo 16, 8), mas fá-lo para nos levar a saborear a alegria da misericórdia do Pai, não para nos destruir com estéreis sentimentos de culpa. Até quando o nosso coração nos censura por algo, Ele recorda-nos que «Deus é maior do que o nosso coração» (1 Jo 3, 20). Deus é maior do que o nosso pecado. Somos todos pecadores... Pensemos: talvez alguns de vós - não sei - tenham tanto medo das coisas que cometeram, medo de ser repreendidos por Deus, medo de tantas coisas, e não conseguem encontrar a paz. Ponde-vos em oração, invocai o Espírito Santo e Ele ensinar-vos-á a pedir perdão. E quereis saber? Deus não conhece muito a gramática e, quando pedimos perdão, não nos deixa acabar! “Per...” e ali, não nos deixa acabar a palavra perdão. Perdoa-nos antes, está sempre ao nosso lado para nos perdoar, antes que terminemos a palavra “perdão”. Digamos “per...” e o Pai perdoa-nos sempre.

O Espírito Santo intercede por nós e ensina-nos também a interceder, por nossa vez, pelos irmãos; ensina-nos a oração de intercessão: rezar por esta pessoa, rezar por aquele doente, por quem está na prisão, rezar...; rezar também pela sogra, e rezar sempre, sempre! Esta oração é particularmente agradável a Deus, porque é a mais gratuita e desinteressada. Quando cada um reza por todos, acontece - dizia Santo Ambrósio - que todos rezam por cada um; a oração multiplica-se (*De Cain et Abel*, I, 39). A oração é assim! Eis uma tarefa tão preciosa e necessária na Igreja, particularmente neste tempo de preparação para o Jubileu: unir-nos ao Paráclito que “intercede por todos nós, segundo os desígnios de Deus”.

Mas não rezeis como papagaios, por favor! Não digais “blá, blá, blá...”. Não! Dizei “Senhor”, mas dizei-o de coração. “Ajudai-me, Senhor”, “Amo-vos, Senhor”. E quando recitardes o Pai-Nosso, dizei: “Pai, Vós sois o meu Pai”. Rezai com o coração, não com os lábios, não sejais como os papagaios!

Que o Espírito possa ajudar-nos na oração, pois temos muita necessidade dela. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 13 de novembro de 2024

13. Uma carta escrita com o Espírito de Deus vivo: Maria e o Espírito Santo

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Entre os vários meios através dos quais o Espírito Santo realiza a sua obra de santificação na Igreja - Palavra de Deus, Sacramentos, oração - há um em particular, que é a piedade mariana. Na tradição católica existe este lema, este ditado: “*Ad Iesum per Mariam*”, isto é, “a Jesus por meio de Maria”. Nossa Senhora mostra-nos Jesus. Ela abre-nos as portas, sempre! Nossa Senhora é a mãe que nos conduz pela mão até Jesus. Nossa Senhora nunca se indica a si mesma, Nossa Senhora indica Jesus. E esta é a piedade mariana: a Jesus pelas mãos de Nossa Senhora.

São Paulo define a comunidade cristã como «uma carta de Cristo, redigida por nós, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de corações humanos» (2 Cor 3, 3). Como primeira discípula e figura da Igreja, Maria é também uma carta escrita com o Espírito de Deus vivo. Precisamente por isso, ela pode ser «conhecida e lida por todos os homens» (2 Cor 3, 2), até por quem não sabe ler livros de teologia, por aqueles “pequenininhos” aos quais Jesus diz que são revelados os mistérios do Reino, escondidos aos sábios (cf. Mt 11, 25).

Dizendo o seu “sim” - quando Maria aceita e diz ao anjo: “Sim, que se faça a vontade do Senhor” e aceita ser mãe de Jesus - é como se Maria dissesse a Deus: “Eis-me, sou uma tábua onde escrever: que o Escritor escreva o que quiser, que o Senhor de tudo faça de mim o que quiser”.^[1] Naquele tempo, costumava-se escrever em tábuas de cera; hoje diríamos que Maria se oferece como uma página branca na qual o Senhor pode escrever o que quiser. O “sim” de Maria ao anjo - escreveu um conhecido exegeta - representa «o ápice de todo o comportamento religioso diante de Deus, pois exprime, da maneira mais elevada, a disponibilidade passiva

unida à prontidão ativa, o vazio mais profundo acompanhado da maior plenitude».[2]

Eis, pois, como a Mãe de Deus é instrumento do Espírito Santo na sua obra de santificação. No meio da profusão interminável de palavras ditas e escritas sobre Deus, sobre a Igreja e sobre a santidade (que pouquíssimos, ou ninguém consegue ler e compreender na íntegra), ela sugere-nos apenas duas palavras que todos, até os mais simples, podem pronunciar em qualquer ocasião: “*Eis-me*” e “*fiat*”. Maria é aquela que disse “sim” ao Senhor e, com o seu exemplo e a sua intercessão, nos impele a dizer também o nosso “sim” a Ele, todas as vezes que nos encontramos diante de uma obediência a cumprir ou uma provação a superar.

Em cada época da sua história, mas em particular neste momento, a Igreja encontra-se na situação em que estava a comunidade cristã depois da Ascensão de Jesus ao céu. Deve pregar o Evangelho a todas as nações, mas está à espera da “força do alto” para o poder fazer. E não esqueçamos que, naquele momento, como lemos nos Atos dos Apóstolos, os discípulos estavam reunidos em volta de «Maria, mãe de Jesus» (At 1, 14).

É verdade que havia também outras mulheres com ela no cenáculo, mas a sua presença é diferente e única entre todas. Entre ela e o Espírito Santo existe um vínculo singular e eternamente indestrutível, que é a própria pessoa de Cristo, “concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem Maria”, como recitamos no Credo. O evangelista Lucas realça deliberadamente a correspondência entre a vinda do Espírito Santo sobre Maria na Anunciação e a sua vinda sobre os discípulos no Pentecostes, usando algumas expressões idênticas em ambos os casos.

Numa das suas orações, São Francisco de Assis saúda a Virgem como «filha e serva do Rei altíssimo, o Pai celeste, mãe do santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo».[3] Filha do Pai, Mãe do Filho, Esposa do Espírito Santo! Não se poderia explicar com palavras mais simples a relação singular de Maria com a Trindade.

Como todas as imagens, nem sequer esta de “esposa do Espírito Santo” deve ser absolutizada, mas tomada pela medida de verdade que contém, e é uma verdade muito bela! Ela é a esposa, mas antes ainda é a discípula do

Espírito Santo. Esposa e discípula. Aprendamos com ela a ser dóceis às inspirações do Espírito, sobretudo quando Ele sugere que nos “levantemos apressadamente” para ir ajudar alguém que precisa de nós, como ela fez imediatamente depois que o anjo a deixou (cf. *Lc* 1, 39). Obrigado!

[1] Cf. Orígenes, *Comentário ao Evangelho de Lucas*, framm. 18 (GCS 49, p. 227).

[2] H. Schürmann, *Das Lukasevangelium*, Freiburg in Br. 1968: trad. ital. Brescia 1983, 154.

[3] *Fontes Franciscanas*, Assis 1986, n. 281.

Praça São Pedro

Quarta-feira, 20 de novembro de 2024

14. Os dons da Esposa. Os carismas, dons do Espírito para o bem comum

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Nas últimas três catequese discorreremos sobre a obra salvífica do Espírito Santo, que se atua nos sacramentos, na oração e seguindo o exemplo da Mãe de Deus. Mas ouçamos o que diz um famoso texto do Vaticano II: «O Espírito Santo não só santifica e conduz o Povo de Deus por meio dos sacramentos e ministérios, adornando-o com virtudes, mas [também] “distribuindo a cada um os seus dons como lhe apraz” (cf. *1 Cor* 12, 11)» (*Lumen gentium*, 12). Também nós dispomos de dons pessoais que o mesmo Espírito concede a cada um de nós.

Por isso, chegou o momento de falar inclusive deste segundo modo de agir do Espírito Santo, que é a ação carismática. Uma palavra um pouco difícil, que explicarei. Dois elementos contribuem para definir em que consiste o carisma. Primeiro, o carisma é o dom oferecido “para o bem comum” (*1 Cor* 12, 7), a fim de ser útil a todos. Em síntese, não se destina principal e habitualmente à santificação da pessoa, mas ao serviço da comunidade (cf. *1 Pd* 4, 10). Este é o primeiro aspeto. Segundo, o carisma é o dom concedido “a um”, ou “a alguns” em particular, não a todos do mesmo modo, e é isto que o distingue da graça salvífica, das virtudes teologais e dos sacramentos que, ao contrário, são iguais e comuns a todos. O carisma é concedido a uma pessoa ou a uma comunidade específica. Trata-se de um dom que Deus te oferece.

O Concílio explica-nos também isto. O Espírito Santo - diz - «distribui também graças especiais entre os fiéis de todas as classes, tornando-os aptos e dispostos a empreender diversas obras e encargos, proveitosos para a renovação e cada vez mais ampla edificação da Igreja, segundo aquelas palavras: A cada qual... se concede a manifestação do Espírito, em ordem ao bem comum» (*1 Cor* 12, 7).

Os carismas são as “joias”, ou ornamentos, que o Espírito Santo distribui para tornar bela a Esposa de Cristo. Assim, compreende-se porque o texto conciliar termina com a seguinte exortação: «E estes carismas, quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja» (*Lumen gentium*, 12).

Bento XVI afirmou: «Quem olha para a história da época pós-conciliar pode reconhecer a dinâmica da verdadeira renovação, que muitas vezes assumiu formas inesperadas em movimentos cheios de vida, tornando quase tangível a inesgotável vivacidade da santa Igreja». E este é o carisma concedido a um grupo, através de uma pessoa.

Devemos redescobrir os carismas, porque isto faz com que a promoção dos leigos e em particular das mulheres seja entendida não apenas como dado institucional e sociológico, mas na sua dimensão bíblica e espiritual. Os leigos não são os últimos, não, os leigos não são uma espécie de colaboradores externos, nem “tropas auxiliares” do clero, não! Têm carismas e dons próprios, com os quais contribuir para a missão da Igreja.

Acrescentemos outro aspeto: quando se fala de carismas, é preciso dissipar imediatamente um equívoco: o de os identificar com dons e capacidades espetaculares e extraordinários; ao contrário, são dons ordinários - cada um de nós tem o seu carisma - que adquirem valor extraordinário quando se inspiram no Espírito Santo e se encarnam nas situações da vida com amor. Esta interpretação do carisma é importante, porque muitos cristãos, ouvindo falar dos carismas, sentem tristeza ou desilusão, pois estão convencidos de não os possuir e sentem-se excluídos, ou cristãos de segunda classe. Não, não há cristãos de segunda classe, não, cada um tem o seu carisma pessoal e até comunitário. A eles já Santo Agostinho respondia, no seu tempo, com uma comparação deveras eloquente: «Se amares - dizia ao seu povo - o que possuis, não é pouco. Com efeito, se amares a unidade, tudo o que nela existe é possuído por alguém, e também tu o possuis! Somente o olho, no corpo, tem a faculdade de ver; mas é porventura só por si mesmo que o olho vê? Não, ele vê pela mão, pelo pé e por todos os membros» (Santo Agostinho, *Tratados sobre João*, 32.8).

Eis desvendado o segredo pelo qual a caridade é definida pelo Apóstolo como «o melhor caminho de todos» (1 Cor 12, 31): ela faz-me amar a Igreja, ou a comunidade em que vivo e, na unidade, todos os carismas, não só alguns, são “meus”, assim como os “meus” carismas, não obstante pareçam simples, são de todos e para o bem de todos. A caridade multiplica os carismas: faz com que o carisma de um, de uma única pessoa, seja o carisma de todos. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 27 de novembro de 2024

15. Os frutos do Espírito Santo. A Alegria

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter falado sobre a graça santificadora e dos carismas, hoje gostaria de meditar sobre uma terceira realidade ligada à ação do Espírito Santo: os “frutos do Espírito”. Em que consiste o fruto do Espírito? São Paulo oferece uma lista na Carta aos Gálatas. Escreve: «O fruto do Espírito é amor, alegria, paz, magnanimidade, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si» (5, 22). Nove frutos do Espírito. Mas o que é este “fruto do Espírito”?

Diversamente dos carismas, que o Espírito concede a quem quer e quando quer, para o bem da Igreja, os frutos do Espírito – repito: amor, alegria, paz, magnanimidade, benevolência, bondade, fidelidade, mansidão, domínio de si – são o resultado de uma colaboração entre a graça e a nossa liberdade. Estes frutos manifestam sempre a criatividade da pessoa, em quem «a fé age por meio da caridade» (Gl 5, 6), às vezes de modo surpreendente e jubiloso. Nem todos na Igreja podem ser apóstolos, profetas, evangelistas; mas todos, sem distinção, podem e devem ser caridosos, pacientes, humildes, promotores de paz, e assim por diante. Sim, todos nós devemos ser caridosos, pacientes, humildes, promotores de paz, e não de guerra.

Entre os frutos do Espírito, enumerados pelo Apóstolo, aprez-me ressaltar um, evocando as palavras iniciais da Exortação apostólica *Evangelii gaudium*: «A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo renasce sem cessar a alegria» (n. 1). Às vezes haverá momentos tristes, mas há sempre paz. Com Jesus, há alegria e paz.

A alegria, fruto do Espírito, tem em comum com todas as outras alegrias humanas um certo sentimento de plenitude e de satisfação, levando a desejar que dure para sempre. Contudo, sabemos por experiência que isto não acontece, porque tudo aqui na terra passa rapidamente. Tudo passa rapidamente! Pensemos juntos: passam rapidamente a juventude, a saúde, as forças, o bem-estar, as amizades, os amores... Duram cem anos? Mas não mais do que isto. No entanto, ainda que estas coisas não passassem rapidamente, em seguida tornam-se insuficientes ou chegam até a aborrecer porque, como dizia Santo Agostinho dirigindo-se a Deus: «Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti» (*Confissões*, I, 1). Há a inquietude do coração em busca da beleza, da paz, do amor, da alegria.

A alegria do Evangelho, a alegria evangélica, diversamente de qualquer outra alegria, pode renovar-se a cada dia e tornar-se contagiante. «Somente graças a este encontro – ou reencontro – com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, somos resgatados da nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. [...] Aqui está a fonte da ação evangelizadora. Porque, se alguém acolheu este amor que lhe devolve o sentido da vida, como pode conter o desejo de o comunicar aos outros?» (*Evangelii gaudium*, 8). É a dupla característica da alegria, fruto do Espírito: ela não só não está sujeita ao desgaste inevitável do tempo, mas multiplica-se quando é partilhada com os outros! Uma verdadeira alegria partilha-se com os outros e “contagia-se”.

Há cinco séculos, viveu aqui em Roma um santo chamado Filipe Neri. Ele passou para a história como o santo da alegria. Às crianças pobres e abandonadas do seu Oratório, dizia: “Filhinhos, alegrai-vos; não quero escrúpulos, nem melancolias; para mim, é suficiente que não pequeis!”. E ainda: “Sede bons, se puderdes!”. Menos conhecida, porém, é a fonte de onde vinha a sua alegria. São Filipe Neri tinha um amor tão grande por Deus que às vezes parecia que o coração iria explodir no peito. A sua alegria era, no sentido mais pleno, um fruto do Espírito. O santo participou no Jubileu de 1575, que ele enriqueceu com a prática, sucessivamente mantida, da visita às sete Igrejas. Na sua época foi um verdadeiro evangelizador mediante a alegria. E tinha esta característica própria de Jesus: perdoava sempre, perdoava tudo! Talvez alguém de nós possa pensar: “Mas

cometi este pecado, que não receberá o perdão...”. Escutai bem isto: Deus perdoa tudo, Deus perdoa sempre! E esta é a alegria: ser perdoado por Deus. E aos sacerdotes e confessores, digo sempre: perdoai tudo, não pergunteis demasiado, mas perdoai tudo, tudo e sempre!

A palavra “Evangelho” significa boa notícia. Por isso, não se pode comunicá-lo com caras fechadas e semblantes sombrios, mas com a alegria de quem encontrou o tesouro escondido e a pérola preciosa. Lembremos a exortação que São Paulo dirigia aos crentes da Igreja de Filipos, e que agora dirige a todos nós: «Alegrai-vos sempre no Senhor, repito, alegrai-vos! Que a vossa amabilidade seja conhecida por todos» (*Fl 4, 4-5*).

Amados irmãos e irmãs, rejubilai com a alegria de Jesus no coração. Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 4 de dezembro de 2024

16. Anunciar o Evangelho no Espírito Santo. O Espírito Santo e a evangelização

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter refletido sobre a ação santificadora e carismática do Espírito, dediquemos esta catequese a outro aspeto: *a obra evangelizadora do Espírito Santo*, ou seja, o seu papel na pregação da Igreja.

A Primeira Carta de Pedro define os apóstolos como «aqueles que anunciavam o Evangelho através do Espírito Santo» (cf. 1, 12). Nesta expressão, encontramos os dois elementos constitutivos da pregação cristã: o seu *conteúdo*, que é o Evangelho, e o seu *meio*, que é o Espírito Santo. Digamos algo sobre ambos.

No Novo Testamento, a palavra “Evangelho” tem dois significados principais. Pode indicar cada um dos quatro Evangelhos canónicos: Mateus, Marcos, Lucas e João, e neste sentido por Evangelho entende-se a boa nova proclamada por Jesus durante a sua vida terrena. Depois da Páscoa, a palavra “Evangelho” adquire o novo significado de boa nova sobre Jesus, ou seja, o mistério pascal da morte e ressurreição do Senhor. É a isto que o Apóstolo chama “Evangelho” quando escreve: «Não me envergonho do Evangelho, pois ele é a força vinda de Deus para a salvação de todo aquele que crê» (Rm 1, 16).

A pregação de Jesus, e em seguida dos Apóstolos, contém também todos os deveres morais que derivam do Evangelho, a partir dos dez mandamentos até ao “novo” mandamento do amor. Mas se não quisermos voltar a cair no erro denunciado pelo apóstolo Paulo, de antepor a lei à graça e as obras à fé, é necessário recomeçar sempre de novo pelo anúncio daquilo que Cristo fez por nós. Por isso, a Exortação apostólica *Evangelii gaudium* insiste tanto sobre a primeira das duas, ou seja, o *querigma*, ou “proclamação”, da qual depende toda a aplicação moral.

Com efeito, «na catequese desempenha um papel fundamental o primeiro anúncio, ou *querigma*, que deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial. [...] Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se deve voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se deve voltar a anunciar, de uma forma ou de outra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos [...] Não se deve pensar que, na catequese, o *querigma* é deixado de lado em favor de uma formação supostamente mais “sólida”. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio do que esse anúncio» (nn. 164-165), isto é, do que o *querigma*.

Até aqui, vimos o conteúdo da pregação cristã. Mas devemos ter em consideração também o meio do anúncio. O Evangelho deve ser pregado «através do Espírito Santo» (1 Pd 1, 12). A Igreja deve fazer exatamente aquilo que Jesus disse no início do seu ministério público: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque foi Ele que me ungiu e me enviou para anunciar a boa nova aos pobres» (Lc 4, 18). *Pregar com a unção do Espírito Santo* significa transmitir, com as ideias e a doutrina, a vida e a convicção da nossa fé. Significa confiar não na «eloquência persuasiva da sabedoria, mas na manifestação do Espírito e do poder divino» (1 Cor 2, 4), como escreveu São Paulo.

É fácil dizê-lo - poder-se-ia objetar - mas como o praticar, se não depende de nós, mas da vinda do Espírito Santo? Na realidade, há uma coisa que depende de nós, aliás duas, e vou mencioná-las brevemente. A primeira é a *oração*. O Espírito Santo vem sobre aqueles que rezam, pois o Pai celeste - está escrito - «concede o Espírito Santo a quantos lho pedirem» (Lc 11, 13), sobretudo se lho pedirem para anunciar o Evangelho do seu Filho! Ai de quem prega sem rezar! Torna-se aquilo a que o Apóstolo define como «bronze que ressoa ou címbalo que retine» (cf. 1 Cor 13, 1).

Portanto, a primeira coisa que depende de nós é rezar, a fim de que venha o Espírito Santo. A segunda é *não desejarmos anunciar-nos a nós mesmos, mas ao Senhor Jesus* (cf. 2 Cor 4, 5).

Isto diz respeito à pregação. Às vezes as pregações são longas, 20, 30 minutos... Mas, por favor, os pregadores devem pregar uma ideia, um afeto e um convite a agir. Além de oito minutos, a pregação vinifica-se, não se entende. E digo isto aos pregadores... [aplausos]. Vejo que gostais de ouvir isto! Às vezes vemos homens que, quando começa o sermão, saem para fumar um cigarro e depois voltam para dentro. Por favor, o sermão deve ser uma ideia, um afeto e uma proposta de ação. Que nunca se prolongue por mais de dez minutos. Isto é muito importante.

A segunda coisa - dizia-vos - é não desejarmos pregar-nos a nós próprios, mas ao Senhor. Não é necessário insistir sobre este ponto, pois quem está comprometido na evangelização sabe muito bem o que significa, na prática, não nos anunciarmos a nós próprios! Limito-me a uma aplicação particular desta exigência. Não querer pregar-se a si mesmo implica também não dar sempre a precedência a iniciativas pastorais promovidas por nós próprios e ligadas ao nosso próprio nome, mas colaborar de bom grado, se necessário, nas iniciativas comunitárias, ou que nos são confiadas pela obediência.

Que o Espírito Santo nos ajude e acompanhe, ensinando a Igreja a pregar o Evangelho assim aos homens e mulheres deste tempo! Obrigado!

Praça São Pedro

Quarta-feira, 11 de dezembro de 2024

17. O Espírito e a Esposa dizem: "Vem!". O Espírito Santo e a esperança cristã

Prezados irmãos e irmãs, bom dia!

Concluimos as nossas catequeses sobre o Espírito Santo e a Igreja. Dedicamos esta última reflexão ao título que demos a todo o ciclo, ou seja: “*O Espírito e a Esposa. O Espírito Santo conduz o Povo de Deus ao encontro de Jesus, nossa esperança*”. Este título refere-se a um dos últimos versículos da Bíblia, no Livro do Apocalipse, que narra: «O Espírito e a esposa dizem: “Vem!”» (Ap 22, 17). A quem se dirige esta invocação? Dirige-se a Cristo ressuscitado. Com efeito, tanto São Paulo (cf. 1 Cor 16, 22) como a Didaché, um escrito dos tempos apostólicos, testemunham que, nas reuniões litúrgicas dos primeiros cristãos, ressoava em aramaico o grito “*Maranatha!*”, que significa precisamente “Vem, Senhor!”. Uma oração a Cristo para que venha!

Naquela fase mais antiga, a invocação tinha um fundo que hoje diríamos escatológico. Com efeito, exprimia a ardente expectativa do regresso glorioso do Senhor. E este grito e a expectativa que ele manifesta nunca se apagaram na Igreja. Ainda hoje, na Missa, imediatamente após a consagração, ela proclama a morte e a ressurreição de Cristo “na expectativa da sua vinda”. A Igreja está à espera da vinda do Senhor!

Mas esta expectativa da vinda última de Cristo não permaneceu a única. A ela uniu-se também a expectativa da sua vinda contínua na situação presente e peregrinante da Igreja. E é nesta vinda que a Igreja pensa sobretudo quando, animada pelo Espírito Santo, clama a Jesus: “Vem!”.

Houve uma mudança - melhor, uma evolução - cheia de significado, a propósito do clamor “Vem!”, “Vem, Senhor!”. Habitualmente, ele não se dirige apenas a Cristo, mas também ao próprio Espírito Santo! Quem clama é agora também Aquele a quem se clama. “Vem!” é a invocação com que

começam quase todos os hinos e orações da Igreja dirigidos ao Espírito Santo: «Vem, ó Espírito criador!», dizemos no *Veni Creator*, e «Vem, Espírito Santo!», «*Veni Sancte Spiritus!*», na sequência do Pentecostes; e assim em muitas outras preces. É justo que seja assim porque, depois da Ressurreição, o Espírito Santo é o verdadeiro “*alter ego*” de Cristo, Aquele que o substitui, que o torna presente e ativo na Igreja. É Ele que “anuncia as coisas futuras” (cf. *Jo* 16, 13) e que as faz desejar e esperar. Por isso, Cristo e o Espírito são inseparáveis, também na economia da salvação.

O Espírito Santo é a nascente sempre jorrante da esperança cristã. São Paulo deixou-nos estas palavras preciosas: «Que o Deus da esperança vos encha, na fé, de toda a alegria e paz, para que abundeis de esperança, em virtude do Espírito Santo» (*Rm* 15, 13). Se a Igreja é um barco, o Espírito Santo é a vela que a impele e a faz avançar no mar da história, tanto hoje como no passado!

Esperança não é uma palavra vazia, nem um nosso vago desejo de que as coisas corram bem: a esperança é uma certeza, porque se baseia na fidelidade de Deus às suas promessas. E por isso chama-se virtude teologal: pois é infundida por Deus e tem Deus como garante. Não é uma virtude passiva, que se limita a esperar que as coisas aconteçam. É uma virtude extremamente ativa que ajuda a fazer com que elas ocorram. Alguém, que lutou pela libertação dos pobres, escreveu estas palavras: «O Espírito Santo está na origem do clamor dos pobres. Ele é a força dada a quantos não têm força. Ele trava a luta pela emancipação e pela plena realização do povo dos oprimidos» (J. COMBLIN, *Spirito Santo e liberazione*, Assis 1989, 236).

O cristão não pode contentar-se com ter esperança; deve também *irradiar* esperança, ser semeador de esperança. Este é o dom mais bonito que a Igreja pode oferecer a toda a humanidade, principalmente nos momentos em que tudo parece impelir a amainar as velas.

O apóstolo Pedro exortava os primeiros cristãos com as seguintes palavras: «Santificai o Senhor, Cristo, nos vossos corações, e estai sempre prontos a responder a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança». Contudo, acrescentava uma recomendação: «Mas fazei-o com mansidão e respeito» (*1 Pd* 3, 15-16). E isto porque não é tanto a força dos argumentos que convence as pessoas, quanto o amor que soubermos pôr

neles. Esta é a primeira e mais eficaz forma de evangelização. E está aberta a todos!

Estimados irmãos e irmãs, que o Espírito nos ajude sempre a “abundar na esperança, em virtude do Espírito Santo”!